



## “O ABORTO NÃO TEM RETORNO”

Num webinar organizado pela Vinha de Raquel, a cantora brasileira Elba Ramalho e também Lucivânia Abreu testemunharam o impacto do aborto nas suas vidas e a forma como se reconciliaram com a sua história. **pág.06**

Especial



## JOVENS REZARAM JUNTOS PELO FIM DA PANDEMIA

Foram 72 os jovens, oriundos de diferentes dioceses portuguesas, que participaram, na noite de 1 de maio, na recitação do terço pela Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023, que esteve em sintonia com o apelo do Papa Francisco de fazer, deste mês mariano, uma maratona de oração pelo fim da pandemia. Transmitido online nas redes sociais (Facebook e YouTube) da JMJ Lisboa 2023, a recitação teve início na Sé de Lisboa e percorreu, digitalmente, as dioceses portuguesas. “Este terço contou com a participação de 72 jovens. As meditações dos mistérios foram rezadas por diferentes comunidades, representando vários setores e realidades da nossa sociedade (uma comunidade de pessoas com e sem deficiência, uma comunidade religiosa, uma família, uma comunidade de idosos e um grupo de profissionais de saúde). Com simplicidade e profundidade, juntamos as nossas vozes às deles e rezamos juntos o terço”, informa a organização, num post no Facebook ([www.facebook.com/jornadamundialdajuventude](http://www.facebook.com/jornadamundialdajuventude)).

FILIPPE TEIXEIRA



## “LUCIDEZ E ACERTO”

Nos 50 anos da nomeação do Cardeal Ribeiro como Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente escreve sobre antecessor. Jornal VOZ DA VERDADE apresenta a tese de mestrado ‘«Convosco sou Padre» - O ministério presbiteral no pensamento e ação pastoral de D. António Ribeiro’. **pág.02**

Destaque

Congresso da Pastoral Sócio-Caritativa com mais lugares disponíveis **pág.05**

São José, Pai no Acolhimento e da Confiança | **pág.08**

Papa convida a rezar pelos responsáveis da grande finança | **pág.09**

## “É urgente amarmos a vida”

A Conferência Episcopal Portuguesa deseja que a Semana da Vida (9 a 16 de maio) seja uma ocasião para “amarmos a vida”, mesmo perante as “dificuldades” e “dores”. Numa mensagem, o assistente do Departamento Nacional da Pastoral Familiar (DNPF), padre Francisco Ruivo, salienta que a pandemia mostrou, “de forma mais clara, a nossa fragilidade”, mas também conduziu a “saborear a vida como um bem tão precioso”. “É a partir deste contexto que a Semana da Vida nos há de tocar cada um de nós, a não perdermos tempo na vida, mas a gastarmos tempo uns com os outros. Temos tanto para dar e para receber. É urgente amarmos a vida mesmo no meio das dificuldades e das dores”, considera a missiva. O DNPF publicou, no seu novo site ([www.dnfpf.pt](http://www.dnfpf.pt)), um guião com diversas sugestões de oração, propostas culturais e de ação. Haverá ainda webinars, com os departamentos diocesanos, uma conferência com D. António Couto, Bispo de Lamego, e partilha de vídeos com testemunhos. Cada dia da Semana da Vida 2021, que tem como tema ‘A Vida que nos toca - A vida que sempre cuidamos’, começa com um vídeo de introdução ao tema específico do dia, pelo cardeal D. José Tolentino de Mendonça.

P. Duarte da Cunha  
Discípulo Missionário -  
Pastoral evangelizadora

Isilda Pegado  
Poder Autárquico -  
Esperança e Bem Comum

Opinião  
pág.04

P. Nuno Rosário Fernandes  
Nova Voz para Maria em Portugal

Editorial  
pág.12



50 anos da nomeação de D. António Ribeiro como Patriarca de Lisboa

## UM PASTOR QUE DESENVOLVEU “UM CONVICTO APOSTOLADO CONCILIAR”

Nos dias em que se assinalam os 50 anos da nomeação de D. António Ribeiro como Patriarca de Lisboa (10 de maio), o atual Cardeal-Patriarca, D. Manuel Clemente, realça a preparação do então “jovem Bispo Auxiliar” para conduzir a Igreja de Lisboa com “lucidez e acerto” em tempos tão conturbados. Nestas páginas, o Jornal VOZ DA VERDADE destaca também a “proximidade” do prelado junto do seu presbitério e realça as suas concretizações pastorais que ainda hoje permanecem.

texto por Filipe Teixeira

O Cardeal D. António Ribeiro cumpriu 27 anos, entre 1971 e 1998, como Patriarca de Lisboa e ainda hoje os frutos do seu pontificado são visíveis e testemunhados não só por quem conviveu com o prelado português, mas também por quem – 18 anos após a sua morte – apresentou, numa tese de mestrado, o seu “cuidado para com o clero” e uma linha pastoral que “incluía todos”. Para o padre Joaquim Loureiro, ordenado sacerdote em 2016, o livro ‘O Padre na Igreja’, da autoria de D. António Ribeiro, lido durante os tempos de seminário, deu-lhe a motivação para aprofundar o cuidado pastoral do antigo Patriarca de Lisboa. “Apesar de não o ter conhecido pessoalmente, fui percebendo o modo como ele tentou formar e estar próximo dos seus colaboradores, do seu presbitério. Fui-me deixando envolver pelas homilias, sobretudo as homilias de Quinta-Feira Santa”, começa por explicar, ao Jornal VOZ DA VERDADE, o vigário paroquial da paróquia da Graça.

Os tempos em que D. António Ribeiro foi chamado a ser o pastor da Igreja de Lisboa foram conturbados, não só devido à crise de vocações, mas também por ser o tempo de receção do Concílio Vaticano II, com todas as resistên-

cias criadas, em Portugal e na Europa. “Ao investigar, fui percebendo que havia uma diocese um pouco ‘partida’ e o que me despertou muito foi ele ter percebido quem tinha que agarrar. Tinha que ter os padres ao seu lado”, afirma o autor da tese ‘«Convosco sou Padre» - O ministério presbiteral no pensamento e ação pastoral de D. António Ribeiro’. “Lembro-me de falar com padres que

diziam sentir esse carinho e afetividade da parte do seu Bispo. Para D. António Ribeiro, falar com um padre era sempre uma prioridade”, garante.

### “Sinais dos tempos”

Natural da aldeia de Pereira, em São Clemente de Basto, no município de Celorico de Basto, D. António Ribeiro foi ordenado sacerdote na Arquidiocese de

Braga, em 1953, e foi, depois, enviado para Roma onde se doutorou na Pontifícia Universidade Gregoriana. Já em Portugal, foi assistente da Ação Católica e, em 1967, aos 39 anos, foi nomeado Bispo Auxiliar de Braga, numa missão vaticana, na ordenação episcopal, pelo Cardeal Cerejeira, como sendo “uma passagem breve”. A 10 de maio de 1971, D. António Ribeiro seria nomeado Patriarca de



Papa Paulo VI e D. António Ribeiro



Padre Joaquim Loureiro, autor de uma tese de mestrado sobre o Cardeal Ribeiro

### A HISTÓRIA DA CAPELA DO RATO

Para assinalar os 50 anos da nomeação de D. António Ribeiro como Patriarca de Lisboa, o Jornal VOZ DA VERDADE recupera uma parte da entrevista feita em maio de 2015, por ocasião dos 50 anos de sacerdócio do cônego António Janela, onde é descrito o papel do Cardeal Ribeiro na libertação deste e de outro sacerdote que tinham sido detidos pela Direção-Geral de Segurança (antiga PIDE) para interrogatório, na passagem do ano de 1972 para 1973.

“No período anterior ao 25 de abril de 1974, o padre Alberto Neto era o capelão da Capela do Rato, por ser o assistente diocesano da JEC (Juventude Escolar Católica). Quando ele estava doente, hou-

ve uma ocupação da capela por um grupo de cinco cristãos. Perante essa situação, que criou um grande melindre político, o então Patriarca D. António Ribeiro chamou-me e disse para tomar conta daquela capela. Arriscou ali o seu cardinalato! Foi um ato corajoso”, refere o cônego António Janela, lembrado do episódio que aconteceu na passagem do ano de 1972 para 1973. “No final da celebração de sábado, o grupo leu um comunicado, onde afirmava que iria fazer uma vigília pela paz, sem hora para terminar. No dia seguinte, celebri a Missa dominical, às 11h00, ainda com a capela ocupada, mas sem qualquer perturbação. Nessa celebração li a homilia, que foi preparada pelo padre Alberto Neto, pelo padre Armindo Garcia







O Cardeal Ribeiro (à direita) sucedeu ao Cardeal Cerejeira (à esquerda), em 1971

Lisboa. “A partir do momento em que vestiu a pele de Patriarca de Lisboa, deixou de ser o António Ribeiro”, aponta o padre Joaquim Loureiro, a partir dos testemunhos que ouviu. O período que se seguiu apresentou um “homem que viveu como falava, através de uma vida simples que teve”, que soube ler “os sinais dos tempos” e que, por isso, se fez próximo. Também “a rutura entre a Igreja e o Estado” é uma marca deste Patriarca, destaca o sacerdote, comprovando através do ‘archo’ que era, para época, um prelado ter uma intervenção regular na televisão, “sem nada escrito e onde respondia ao que perguntavam”.

### “Uma Igreja unida”

Ao longo do tempo como Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro imprime na diocese um plano pastoral que é fruto de “uma visão muito alargada”, de quem “sabe ao que vem, e com a capacidade de concretizar”, descreve o sacerdote, de 35 anos. Ao criar estruturas diocesanas – que ainda hoje existem – o Cardeal-Patriarca “não desresponsabiliza os próprios sacerdotes”. Por exemplo, perante o decréscimo de vocações e a criação de uma Pastoral Vocacional e do Pré-Seminário, D.

António Ribeiro continuava a sublinhar que era “responsabilidade do padre continuar a rezar pelas vocações”. Também como resposta ao Concílio Vaticano II e com o envolvimento de toda a diocese, foram criadas estruturas como a Casa Sacerdotal – um local onde os padres mais idosos e/ou doentes podem permanecer –, e o Estatuto Económico do Clero – “onde fica estabelecido que todos os sacerdotes ganham o mesmo valor, independentemente dos ofícios”, contribuindo assim para uma maior solidariedade entre comunidades, refere o padre Joaquim, que é também adjunto do Económico Diocesano.

O Conselho Pastoral Diocesano foi igualmente uma estrutura criada por D. António Ribeiro e que, ligada ao Dia da Igreja Diocesana, veio dinamizar a participação dos leigos na vida da diocese. “São estruturas essenciais que surgem do entendimento de que era necessário ter uma Igreja unida”, aponta o sacerdote, que também refere a grande admiração e satisfação com que os leigos recebiam o seu pastor nas paróquias que visitava. “Sempre que ele ia às paróquias, era uma grande festa, as pessoas diziam-me que ele marcava na ida às comunidades”, reforça.

### D. Manuel escreve sobre a nomeação do Cardeal Ribeiro como Patriarca “IMPLEMENTOU NA DOCTRINA E NA PRÁTICA TUDO QUANTO O CONCÍLIO DISPUSERA”

Foi providencial a nomeação de D. António Ribeiro para Patriarca de Lisboa em 1971. O longo e notável serviço do Cardeal Cerejeira chegava ao fim, tendo já pedido a resignação anos atrás. Também se aproximava do final o quadro sociopolítico em que o país vivia há quatro décadas. Era preciso alguém que estivesse inteirado da situação nacional e internacional, assim como do renovamento eclesial que o Concílio trouxera. Poucos estavam tão bem preparados nesse sentido como o jovem Bispo Auxiliar D. António Ribeiro.

Nascido em 1928 e oriundo da Diocese de Braga, estudara em Roma, viera para Lisboa trabalhar na Ação Católica com diplomados e tivera uma marcante presença televisiva num comentário religioso semanal. Conhecia e era reconhecido pela sua inteligência e isenção. Isto mesmo suscitara reservas governamentais sobre a sua pessoa, quando insistira em aludir à viagem de São Paulo VI ao Congresso Eucarístico de Bombaim em 1964. Desenvolveu já, como continuou depois durante o seu serviço patriarcal, um convicto apostolado conciliar, quer no respeitante à vida interna da Igreja, quer no respeitante à relação Igreja – Mundo. A carta pastoral do Episcopado, publicada em 1973, no 10.º aniversário da encíclica ‘Pacem in Terris’, é especialmente da sua autoria e oferece um conjunto de análises e indicações que, a partir do “25 de abril”, ressurgiriam no melhor que se conseguiu fazer na sociedade portuguesa, quanto à salvaguarda dos direitos humanos, à participação política e ao serviço do bem comum.

Implementou na doutrina e na prática tudo quanto o Concílio dispusera, no concernente à corresponsabilidade eclesial, à reforma litúrgica, ou à projeção social da fé: são notáveis, neste aspeto, os seus pronunciamentos sobre o urbanismo ou sobre o empenhamento laical. Esteve particularmente atento à pastoral juvenil e à formação sacerdotal.

Creio ser possível identificar o trabalho pastoral de D. António Ribeiro com as linhas de força do pontificado de São Paulo VI, assim como o do seu antecessor, o Cardeal Cerejeira, se identificou com as do Papa Pio XI, sobretudo nos anos trinta. Ambos compreenderam o tempo que lhes coube e protagonizaram-no com lucidez e acerto.

✦ D. Manuel Clemente, Cardeal-Patriarca de Lisboa



O Cardeal-Patriarca D. António Ribeiro e o então padre Manuel Clemente durante a Jornada Mundial da Juventude, em Częstochowa, na Polónia, em 1991

e por mim. De Domingo para segunda-feira comemorava-se a passagem do ano. Horas antes, fui ao Governo Civil onde me deram ordem para não celebrar nesse dia e eu contestei, argumentando que tinha ordens do meu Bispo para celebrar. Por isso, após a celebração de dia 31 de dezembro para 1 de janeiro de 1973, a polícia selou a capela”, conta. “No dia 1, fui ler a minha homília ao Patriarca Ribeiro que concordou inteiramente. Quando cheguei à capela, pouco antes de começar a celebração, estava um polícia à porta, e eu disse-lhe: ‘Senhor guarda, o seu chefe e o meu chefe estão, neste momento, a falar um com o outro, em Belém. Ora, o senhor recebeu indicações para não deixar

ninguém entrar, mas o meu Patriarca disse-me para entrar. Por isso, eu entro e, depois, o senhor faça o que entender”, lembra, hoje, sorridente, o cônego Janela, relatando as consequências do seu ato: “Quebrei os selos e entrei. Já depois da celebração ter terminado, ouço uma voz do famoso capitão Maltez – que era o repressor dos movimentos estudantis – a perguntar-me se o podia acompanhar. Na companhia do padre Armindo, fomos, durante 300 metros, até à esquadra da polícia, no Rato. Cá fora, havia um grande e desproporcional aparato. Depois do primeiro interrogatório, fui levado para a DGS (Direção-Geral de Segurança). Ali fui interrogado, com aquelas técnicas,

como vem nos livros, com muitas luzes, de um lado o polícia bom e, do outro, o polícia mau”, lembra. “Pelas 4h00 da manhã, a porta da sala onde estava a ser interrogado abriu-se ligeiramente e eu vejo passar o secretário do senhor Patriarca, o padre Pires. Soube, mais tarde, que o senhor Patriarca estava no piso inferior a dizer-lhes: ‘Ou ele sai imediatamente ou eu vou daqui à morada do Primeiro-Ministro, Marcelo Caetano’. Nos dias seguintes tive vários interrogatórios, mas eles não podiam avançar porque sabiam, por escutas telefónicas, que foi por ordem do Patriarca que eu quebrei os selos da Capela do Rato para celebrar”, recorda o cônego Janela.



P. Duarte da Cunha

## Discípulo Missionário - Pastoral evangelizadora



Quando andava no seminário, era costume – e bem – dizer aos seminaristas e aos padres que a pastoral da Igreja não podia ser só de manutenção, querendo com isso dizer, que a missão da Igreja toda, e dos padres em particular, não podia ser só o cuidar da fé dos chamados católicos praticantes, como se apenas quiséssemos que não se afastassem mais pessoas, mas deveria ser missionária, sair da sacristia, como se dizia e ir ao encontro de todos.

Na verdade, reduzir a pastoral a não perder mais fiéis pressupunha pensá-la como um esforço de retardar uma falência considerada inevitável pelos profetas do secularismo. Muitos diziam que esta pastoral da manutenção era própria de movimentos ou realidades mais conservadoras dedicadas ao culto e à religiosidade popular. Depois fomos vendo que uma tal acusação era uma generalização injusta e que por vezes estas comunidades eram as que mais cresciam. Além disso, é importante dizer que também havia e há pastoral da manutenção de teor mais progressista. É um facto que se pode identificar a caridade em tantos chamados progressistas, mas também eles

podem cair no perigo da pastoral de manutenção, quando caem no ativismo que não anuncia Jesus.

O segredo não é ser progressista ou conservador. Mas também não é ser morno, ou neutro, ou meio termo. A nossa preocupação deve ser o encontro com Jesus e a aceitação das consequências desse encontro.

As coisas foram ficando mais claras com o Jubileu do ano 2000 e com tudo o que, para o preparar e para o celebrar, se viveu. São João Paulo II, que já tinha dito na Encíclica *Redemptoris Missio* que a missão é próprio da identidade do cristão e não algo que se acrescenta à vida dos crentes, dizia no primeiro documento que escreveu logo após o Jubileu: “Ao longo destes anos, muitas vezes repeti o apelo à *nova evangelização* (...). Devemos reviver em nós o sentimento ardente de Paulo que o levava a excluir: «Ai de mim se não evangelizar!» (1 Cor 9,16). Esta paixão não deixará de suscitar na Igreja uma nova missionariedade, que não poderá ser delegada a um grupo de «especialistas», mas deverá corresponsabilizar todos os membros do povo de Deus. Quem verdadeiramente encontrou Cris-

to, não pode guardá-Lo para si; tem de O anunciar.” (NMI 40).

Esta é a lógica, que também o Papa Francisco explica quando lança o repto de sermos discípulos missionários. Na *Evangelii Gaudium* dizia: “Em todos os baptizados, desde o primeiro ao último, actua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar. (...) Em virtude do Baptismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. *Mt* 28, 19). Cada um dos baptizados (...) é um sujeito activo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas acções. (...) Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários.» (EG 119-120) Aquela dicotomia de que se falava há 30 anos e que nos fazia pensar que havia como que uma tensão entre a pastoral e a missão, não faz sentido. Na realidade, a vida da Igreja, a sua liturgia, as suas obras de caridade ou de educação, a sua presença cultural são sempre, ao mesmo tempo, alimento e anúncio da fé; pastoral e missão. É isso que o Documento sinodal de Lisboa (2016) que está agora a ser avaliado evidencia.

Todos na Igreja somos chamados a ser discípulos missionários, a querer conhecer melhor e amar mais Jesus Cristo e a querer que mais gente o conheça e ame, mas cada um tem a sua missão.

Aos “oficiais” da Igreja (clero ou leigos que trabalham na Igreja) é pedido que alimentem a fé dos crentes com uma pastoral bem pensada e fiel ao Evangelho, aos leigos que trabalham no mundo é pedido que, no quotidiano, com os que encontram no caminho das suas vidas, crentes ou não crentes, testemunhem a importância de Deus na vida e se tornem convite: “vinde e vede”. Quanto mais a fé estiver viva e a pastoral alimentar essa fé mais a missão se expande e o anúncio do Evangelho toca mais pessoas.

Ainda há dias, contava-me um amigo que decidiu mandar uma mensagem a um colega a quem tinha morrido um familiar onde, além de dizer que estava disponível para o que fosse preciso, disse que rezava por ele e pela pessoa falecida. O amigo ficou comovido e ligou logo de volta agradecendo o facto de alguém lhe ter falado de oração dizendo que ainda ninguém lhe tinha dito isso desde a morte do familiar. Para chegar aos de fora, não é preciso esconder, mas antes mostrar, que a nossa fé se liga à nossa vida e à nossa morte! Mas não basta mostrar, é preciso testemunhar a fé num contexto de amizade.

Isilda Pegado

## Poder Autárquico - Esperança e Bem Comum



1. No final do Verão teremos eleições para as Autarquias (Câmaras e Freguesias). Cada vez é mais evidente a proximidade do Poder Autárquico às Populações. Nas grandes cidades (Lisboa, Porto, Sintra, Gaia) este Poder confunde-se facilmente com o exercício do Poder Central (Governo). Contudo, o País não é só Lisboa e Porto. Nos mais de 300 Concelhos e nas mais de 3.000 freguesias que compõem o País os Autarcas têm um papel fundamental na vida concreta das pessoas dando uma resposta de proximidade e de combate às assimetrias e desigualdades regionais. No último ano foi evidente a eficácia, o empenho e zelo que as Autarquias tiveram no combate à **Pandemia**.

2. A Doutrina Social da Igreja advoga o **Princípio da Subsidiariedade**. Isto é, o que pode ser feito por uma instituição mais próxima, não deve ser feito por outra que esteja mais afastada; o que pode ser feito pela família não deve ser relegado para a Segurança Social; o que pode

ser feito pela Junta de Freguesia, não deve ser decretado por um qualquer Ministério do Terreiro do Paço.

3. Temos na memória o tempo em que, para fazer uma reparação nos sanitários da Escola era necessário autorização, requisição e cabimento vindo do Ministério da Educação, fosse essa Escola em que parte do País fosse, era a “5 de Outubro” quem mandava. Felizmente, alguns Presidentes de Junta de Freguesia vendo as péssimas instalações sanitárias, sem condições para sequer serem limpas, desobedeciam (em conluio com os Diretores da Escola) e reparavam mesmo os sanitários. Hoje, é competência das Autarquias a gestão corrente do parque Escolar. E assim se caminha no Princípio da Subsidiariedade. Por isso, as Escolas têm agora uma qualidade e brio que não se compara à Escola dos anos 90 ou até de 2000.

4. Por outro lado, os Autarcas conhecem as realidades sociais do seu território, conhecem as necessidades concretas e

podem de forma ágil chegar às famílias e às suas necessidades. Como em tudo, há bons e menos bons Autarcas. Mas não é essa a nossa questão, mas antes os benefícios da resolução concreta dos problemas dos cidadãos. Uma autarquia é um mini-governo – com poderes/deveres nas áreas do urbanismo e ambiente (que tangem com a nossa vida concreta); com legislação tecnicamente complexa; com orçamentos supervisionados e escrutinados; com áreas sociais que vão da Habitação à Protecção de Menores, dos Transportes ao meio Escolar e ao Desportivo, etc., etc.

5. Certo dia, num aceso debate da reestruturação/eliminação de Autarquias ouvimos um Presidente de Junta de Freguesia dizer – “se acabarem com a minha freguesia quero ver com quem é que ficam os putos quando a mãe ou o pai às 6 da tarde não os podem receber porque estão no trânsito, a sair do trabalho, em Lisboa e o Infantário fecha. Agora ficam em minha casa, com a minha mulher...”

Há milhões de histórias do Poder Autárquico que respondem e são expressão do nobre viver em comunidade,

num tempo e lugar onde tantas vezes faltam apoios e proximidades.

6. O Poder Autárquico, atenta esta sua característica tem ganho novas competências, e bem. É um caminho a fazer por todos. Desde o Município ao Freguês até ao eleito local ou ao Ministro do Governo há uma cadeia de respetos mútuos que podem e devem ser cultivados e aprofundados para bem de todos. Há uma **Ética na defesa do Bem Comum** que passa necessariamente por esta valia.

7. Perante os Parlamentos, que se auto-esvaziam porque deixaram de fazer Leis (que remetem para o Governo) ou apenas atendem às questões **ideológicas** e, os Governos que obedecem a diretivas Internacionais, cresce um Poder Local de proximidade, cada vez mais forte e capaz. Um Poder que, atende à especificidade da sua comunidade, (nomeadamente Religiosa – quanto apoio ao património religioso!!!) e é responsabilizado na primeira pessoa.

Nestes anos onde o experimentalismo e a “pós-verdade” parecem tender para a Barbárie (contra a família, contra a Vida, contra a Liberdade Religiosa) há uma Esperança que se joga no exercício do Poder Autárquico.





## XI Encontro Cristão em modo online

XI Encontro Cristão, com o tema ‘Permanecer n’Ele’, decorre a 15 de maio, às 18h30, no site [www.encontrocrisao.pt](http://www.encontrocrisao.pt), e conta com a participação de D. Joaquim Mendes, Bispo Auxiliar de Lisboa, e do padre Peter Stilwell, diretor do Departamento das Relações Ecuménicas e do Diálogo Inter-Religioso do Patriarcado de Lisboa, entre outros

# Lisboa /05



### Reunião Geral de Professores PATRIARCADO SENSIBILIZA À MATRÍCULA EM EMRC

O Secretariado Diocesano do Ensino Religioso (SDER) de Lisboa apelou ao “empenho e dinamização” dos docentes de EMRC - Educação Moral e Religiosa Católica na sensibilização à matrícula na disciplina nas comunidades escolares. Foi durante a Reunião Geral de Professores de EMRC, que decorreu online, a 30 de abril, e contou com a participação de centena e meia de professores. “O SDER apresentou as diligências efetivadas, nomeadamente os contactos desenvolvidos com os Senhores Bispos Auxiliares, senhores padres Vigários, Catequistas, Pastoral Familiar, no sentido de sensibilizar os vários setores para a importância de haver um trabalho conjunto e de comunhão, Escola/Paróquia. Dentro destes desafios, foi lembrada a essência da disciplina de EMRC, dentro do espírito que nos marca: a proximidade, a partilha, o encontro, o cuidado, o afeto, o sermos #MaisPróximo”, revela um comunicado, referindo-se ao tema do projeto anual desta disciplina. No início da reunião, o diretor do SDER, padre Paulo Malícia, agradeceu “a presença em tão grande número” e a dedicação de todos, e salientou: “Continuamos a viver momentos conturbados e por isso inquietantes, também para a presença da Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas”. Neste encontro, o SDER de Lisboa destacou ainda a importância da Semana/Encontro Nacional de alunos de EMRC, do 1.º ao 12.º ano, organizado pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC), de 17 a 21 de maio, que tem como tema ‘EMRC... Esperança(-te)’, e que “supõe ser uma semana de sensibilização e visibilidade em cada escola”, segundo a nota. A semana encerra com o ‘Concerto Falado’, a ser transmitido no YouTube, com a presença do cantor Fernando Daniel (ex-aluno de EMRC), para alunos, professores e familiares. “Apelo para uma total participação”, convidou o padre Paulo Malícia.



### Paróquia de Belas Rezar o terço 24 sobre 24 horas

A paróquia de Belas iniciou, novamente, uma cadeia ininterrupta de oração do terço, que vai decorrer ao longo de todo este mês de maio, durante as 24 horas do dia. Tal como aconteceu no passado mês de fevereiro, esta paróquia da Vigararia da Amadora está agora a rezar em “ação de graças pelo chumbo à eutanásia pelo Tribunal Constitucional”, bem como “pelo fim do aborto e das barrigas de aluguer” e “por mais vocações sacerdotais, religiosas, missionárias e hospitalares”, segundo explica um comunicado. Os interessados em participar nesta cadeia de oração podem contactar a organização através de um dos números de telefone disponíveis (962343376, 966844166, 969027395 ou 969440434), ou por email (semprepelavida2020@gmail.com).

PATRIARCADO DE LISBOA



### Igreja dos Pastorinhos, em Alverca Santuário de Fátima oferece imagens

As imagens oficiais da canonização dos pastorinhos de Fátima, em 2017, foram oferecidas à Paróquia de São Pedro de Alverca, mais concretamente à Igreja dos Pastorinhos. A informação foi revelada (e mostrada) pela própria paróquia, numa publicação no Facebook ([www.facebook.com/paroquiasdealverca](http://www.facebook.com/paroquiasdealverca)). “A nossa paróquia de São Pedro de Alverca agradece ao santuário de Fátima na pessoa do seu Reitor, Pe Carlos Cabecinhas, tamanho presente. São Francisco e Santa Jacinta, rogai por nós”, refere o post, publicado no passado dia 2 de maio, que é acompanhado de uma fotografia da Igreja dos Pastorinhos, que assinalou, na véspera, o 16.º aniversário da dedicação.

Congresso Diocesano da Pastoral Sócio-Caritativa

## Congresso com maior capacidade para participantes

A organização do Congresso Diocesano da Pastoral Sócio-Caritativa anunciou o aumento de lugares disponíveis para todos os que queiram estar presentes no Centro Pastoral de Torres Vedras, no dia 15 de maio.



A capacidade máxima autorizada pelas autoridades regionais de saúde é, agora, de 180 lugares. Esta iniciativa que assinala, no Patriarcado de Lisboa, a conclusão de dois anos pastorais dedicados à caridade vai ter início às 9h00, com o acolhimento e acreditação, e a oração da manhã, a que se segue a sessão solene de abertura. Seguem-se as conferências ‘Quem somos e o que fazemos’, por D. Américo Aguiar, Bispo Auxiliar de Lisboa, e ‘Caridade e profecia: uma reflexão para o presente’, por D. José Tolentino de Mendonça, arquivista e bibliotecário da Santa Sé, e, após o intervalo, a manhã termina com dois momentos de partilha: ‘O que fizemos em tempos de pandemia’, pelas vigararias do Patriarcado, e ‘Síntese e desafios’, pelo diácono Fernando Magalhães. À tarde, haverá o painel ‘A Igreja no centro das periferias’, com a participação da Pastoral da Deficiência, Pastoral dos Ciganos, Pas-

toral das Prisões e Pastoral da Mobilidade, e o tema ‘A caminho da Jornada Mundial da Juventude: oportunidade para a cultura da dádiva’, além da conferência de encerramento, ‘As periferias como lugar privilegiado da presença da Igreja’, pelo Cardeal-Patriarca, D. Manuel Clemente, que preside também, às 17h30, à Eucaristia. O Congresso Diocesano da Pastoral Sócio-Caritativa tem prevista a participação presencial e também online, sendo que, para qualquer uma das modalidades, a inscrição é obrigatória, em [www.patriarcado-lisboa.pt](http://www.patriarcado-lisboa.pt).



25ª Peregrinação Nacional de Acólitos

## Papa desafia acólitos portugueses a serem santos e originais

O Papa Francisco enviou uma saudação à 25ª Peregrinação Nacional de Acólitos, pedindo aos acólitos portugueses para serem santos e originais.



“Eis a primeira coisa que Jesus diz a cada um: «sê santo». Querido acólito, ensinaram-te – e é verdade – que, na Santa Missa, aquela pequena partícula de pão torna-se Corpo de Cristo e o vinho do cálice torna-se Sangue de Cristo. Cada vez que te aproximares do Altar, tens a ventura de colaborar de perto para este milagre. Os teus olhos não veem Jesus, mas o coração e os lábios adoram-No”, escreveu o Papa, numa mensagem enviada a D. José Cordeiro, presidente da Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade.

Nesta saudação para a celebração que teve lugar dia 1 de maio, no Santuário de Fátima, o Santo Padre destacou depois que o “serviço de acólito tornar-se-á uma Profissão de fé para a comunidade”, e destacou um segundo pedido: “«Sê santo»: é a pri-

meira coisa que te pede Jesus. E a segunda: «sê original». Querido acólito, como te escrevi em 2019 (não sei se já chegou às tuas mãos, mas escrevi-te...) na Exortação apostólica ‘Cristo vive’, «não serás santo nem te realizarás, copiando os outros. (...) Fazer-te santo é tomar-te mais plenamente tu próprio, aquele que Deus quis sonhar e criar, não uma fotocópia”. O Papa Francisco termina a mensagem aos acólitos portugueses (disponível em [www.liturgia.pt/acolitos](http://www.liturgia.pt/acolitos)) desejando que São José “guarde e proteja todos os acólitos de Portugal”.





Vinha de Raquel organiza webinar sobre o aborto

## “O ABORTO É A VERGONHA DA HUMANIDADE”

A cantora Elba Ramalho não tem dúvidas de que “o aborto é um erro, um equívoco”. A conhecida artista brasileira deu testemunho no webinar da Vinha de Raquel para reforçar que “o aborto não tem retorno”. “As mulheres que fizeram um aborto precisam de amparo psicológico, precisam do nosso amor, do nosso carinho. Não precisam do nosso julgamento”, garantiu.

texto por Diogo Paiva Brandão



“O aborto é a vergonha da humanidade. Uma sociedade que se insurge contra a sua própria espécie está muito doente e precisa de rever todos os seus valores”. Elba Ramalho vendeu mais de 10 milhões de discos ao longo da carreira e hoje integra um movimento pró-vida. “A vida é um direito igual para todos”, garantiu a cantora, num webinar organizado pela Vinha de Raquel, na noite do passado dia 3 de maio, que procurou refletir sobre a realidade e os efeitos do aborto. Hoje, com 69 anos, a artista brasileira partilhou este capítulo da sua história de vida. Estávamos no início dos anos 70, do século passado, Elba tinha 22 anos e a sua gravidez teve como desfecho o aborto. “Foi uma situação complicada. Vim do Nordeste para o Rio de Janeiro, com 19 anos, sozinha. Era atriz e tornei-me escrava do pecado. Sem pai, sem mãe, sem irmãos, procurava o teatro e o autoconhecimento. O aborto foi uma das coisas amargas. Eu não tinha ninguém, era muito nova, não tinha uma casa para morar, não tinha dinheiro. Eu não tinha saída”, recordou, assumindo também que tinha “uma certa

ignorância” sobre o assunto. “Eu achava que não estava a matar uma criança. Eu achava que estava a provocar em mim um sangramento. Só comecei a tomar consciência disso anos depois, com muitas sequelas na alma, com muita dor escondida, porque tentamos camuflar o nosso sofrimento”, contou.

Elba referiu que “era jovem e moderna, entre aspas”, e pensava: “O corpo é meu, as regras são minhas... mas os jovens não têm consciência de que estamos a abrir uma porta para um precipício enorme. O aborto é um equívoco. Nós pagamos para matar um filho, e quando acordamos queremos camuflar essa realidade. Eu não tinha mesmo consciência”, assegurou, não escondendo que quando ganhou consciência sentiu “uma tonelada de ferro sobre os ombros”. Hoje, passados mais de 40 anos sobre aquele dia, Elba Ramalho apontou para o coração e garantiu que “o aborto fica na carne, como espinho”. “Sempre que você se lembra, quer apagar. Sempre que me lembrava da situação, eu bebia, eu fumava, fazia umas coisas para ‘sair’”, recordou.

### O arrependimento

Lamentando que o aborto seja legal em Portugal e seja apresentado como “uma solução fácil”, Elba Ramalho disse ter entrado no movimento pró-vida há mais de 10 anos e já ter salvo “mais de 300 bebês”. “Presencialmente, por telefone... com as minhas parceiras no movimento, são já mais de mil”, contou. “O que tentamos mostrar a essas meninas é que o aborto é um equívoco, e que depois virá o arrependimento. É um espinho que vai perfurar e que vai trazer uma nuvem escura para a nossa consciência. Você nunca se vai perdoar, principalmente quando o tempo vai passando e você vai ficando mais madura, mais responsável”, assegurou quem um dia passou por esta experiência, lembrando ainda que “o aborto não tem retorno”. “Não se pode voltar atrás, não existe máquina do tempo para entrar e consertar o erro. É um erro, um equívoco, uma dor que você traz consigo na sua alma”, reforçou.

Neste encontro online organizado pela Vinha de Raquel, a artista brasileira considerou que vivemos num mundo

“em que as pessoas se distanciaram de Deus, cada vez mais”. “Hoje, sou uma pessoa convertida. A minha saída para o aborto foi Deus, estar diante do sacrário, diante de Jesus e pedir perdão. Fazer uma confissão, duas, três, dez, até o sacerdote dizer: ‘Chega Elba, pare de confessar esse pecado. Você já está perdoada’”, partilhou.

### Acolhidas e amadas

Esta artista considera que as mulheres que fizeram um aborto “precisam de amparo psicológico, de tratamento, de um sacerdote e da Igreja”. “Precisam do nosso amor, precisam do nosso carinho. Não precisam do nosso julgamento. O aborto é o cálice amargo que o mundo de hoje oferece e que muitas mulheres, ingenuamente, bebem”, frisou.

Questionada sobre o que se diz a uma jovem para não abortar, Elba Ramalho considerou que o importante é o acolhimento. “Digo que ela não está sozinha, que eu vou estar com ela, que tem muitas pessoas que a amam, que a querem ajudar. As mulheres têm de ser acolhidas e amadas. Acolher, trabalhar o psicológico, o emocional e a alma. A Igreja chega com o seu suporte cristão, porque Cristo é misericórdia. As meninas que fazem um aborto não se perdoam. Precisamos de lhes oferecer o prato cheio de misericórdia, o perdão que vem pela confissão”, respondeu, manifestando-se “feliz” pela obra da Vinha de Raquel, que considerou “inspiradora”. “É uma obra de acolhimento de pessoas que passaram por uma realidade triste, a triste realidade do aborto. Ninguém passa por essa experiência impunemente. As sequelas são grandes e precisamos desse acolhimento que a Vinha de Raquel oferece”, garantiu.

Elba Ramalho tem “três filhos e uma neta, que acabou de nascer do primeiro filho”. “Deus tem sido muito generoso comigo. Se eu tiver a graça de entrar no Céu, espero que essas alminhas possam estar lá, inclusive a que eu não deixei nascer, e que ela me perdoe”, terminou a cantora brasileira.



A cantora Elba Ramalho (à direita, na foto) deu testemunho no webinar da Vinha de Raquel, garantindo que “o aborto traz uma nuvem escura para a consciência da mulher”





Mãe de sete filhos, Lucivânia Abreu destacou, no webinar da Vinha de Raquel, que “as mulheres são fonte de vida, não um cemitério”

## Nunca se esquece

Lucivânia Abreu é mãe de sete filhos, mas, na sua história de vida, tem uma primeira gravidez que terminou em aborto e que foi partilhada também neste webinar da Vinha de Raquel. “Um filho que não nasce é um filho que nunca se esquece. Causa uma dor na alma, que não passa com paracetamol. Vivemos anos, anos, anos, com isto. A dor do aborto, em mim, passou a ter um peso ainda maior à medida que também fui crescendo”, descreveu esta mãe, monitora do grupo ‘Jovem Levanta-te’, que participou no Got Talent Portugal.

Lucivânia partilhou como tudo aconteceu. “Havia o estigma de ser virgem aos 18 anos e não tive uma estrutura familiar que me desse a fortaleza que eu precisava. Vivía com a minha mãe e o meu padasto e tínhamos um desequilíbrio familiar muito grande. Fui eu que abri as portas para que o mal entrasse. Sentia-me desvalorizada”, confessou, lembrando que, naquela época, começou a “perder os valores”. “Deixei de sonhar e passei a querer curtir e depois logo se via. Quando fiquei grávida, a primeira coisa que ouvi dele foi: ‘Eu não estou preparado’. E eu, com 18 anos? Claro que também não estava. E entrou o medo, o desespero e o colocar isto nas mãos do namorado. Ao ouvir o ‘não’, sentimo-nos sozinhas”, manifestou. Esta mãe recordou que o aborto que fez foi “para não trazer mais problemas”. “Mesmo no seio das amigas, não houve uma que dissesse ‘sim, tem a criança’. Não querendo pôr a culpa nos amigos, estamos sempre à espera daquela palavra que traz vida. De um modo geral, a palavra é de morte”, lamentou.

## Mulheres são fonte de vida

Feito o aborto, Lucivânia sentiu a necessidade de “abafar” o assunto, de “passar com uma borracha”, essencialmente “pelo vazio”. “Toda a mãe sente, quando está grávida, que tem uma vida dentro de si”, observou. “O aborto é um assunto que

não se fala, é algo que é muito difícil de falar. Só é fácil falar no consultório quando se está grávida, quando os próprios médicos ou enfermeiros sugerem como solução. Mas as consequências, não conheço ninguém que me diga que foi falar das consequências psicológicas e emocionais do aborto”, frisou.

Quando ficou grávida pela segunda vez, assumiu que “teve medo” que “alguém voltasse a apresentar o aborto como uma solução”. “Não contei a ninguém que estava grávida, nem à minha mãe. Foi um segredo meu e da minha bebé. Eu dizia-lhe: ‘Ninguém te vai tirar daqui’. E esse bebé, hoje, já tem 20 anos”, referiu, feliz. Lucivânia Abreu é mãe de quatro filhas biológicas, mais duas meninas adotadas e ainda um menino adotado. “As mulheres são fonte de vida. Não somos um cemitério. Não fomos feitas para matar, mas para iluminar a vida em nós”, disse, sublinhando a importância de associações, movimentos e obras pró-vida, como a Vinha de Raquel, onde diz ter encontrado “conforto”. “Foi muito bom perceber que afinal há alguém a trabalhar nisto, a acolher estas mães que passam por esta situação, foi muito bom poder ouvir testemunhos de outras mães, foi bom poder perceber que aquela alma é amor e não está ali para me julgar. Estes bebés têm um anjo-da-guarda e não estão ali para nos julgar. São os primeiros a perdoar-nos por nós não termos permitido que eles vissem a luz. Na Vinha de Raquel, estas crianças abortadas ressuscitam, ganham vida”, completou.

No final das partilhas, o assistente da obra Vinha de Raquel, cónego Rui Pedro Carvalho, confessou-se “emocionado” ao ouvir os dois testemunhos. “É uma grande coragem darem estes testemunhos, que podem ajudar tantas pessoas que os vão escutar e que podem mudar o rumo das suas vidas e, acima de tudo, ajudar a encontrar um Deus que perdoa e que chama sempre a reconhecer”, observou.



## VINHA DE RAQUEL

Fundada nos Estados Unidos, pelos ‘Priests for Life’ (‘Padres pela Vida’), a obra Vinha de Raquel chegou a Portugal há cerca de 20 anos, pela mão da Pastoral da Família do Patriarcado de Lisboa. “A Vinha de Raquel inicia com um primeiro contacto por parte das mulheres, que nos pedem ajuda. É feita uma entrevista de acolhimento, em que ouvimos a história e recolhemos alguns dados. Depois, há um acompanhamento, uma espécie de pré-retiro”, refere, ao Jornal VOZ DA VERDADE, Sílvia Pires, uma das psicólogas desta obra, sublinhando a importância dos retiros organizados pela Vinha de Raquel: “O retiro tem a parte espiritual, que exerce um impacto nas mulheres de grande ajuda, porque é a parte da reconciliação, da misericórdia, do regressar, e tem a parte psicológica, porque é de facto um processo muito difícil. É muito importante reconhecer que o síndrome pós-aborto diz respeito à saúde das mulheres e do casal e é acompanhado de vários sintomas que interferem na qualidade de vida: a depressão, a ansiedade, os pesadelos, as dificuldades com as datas de aniversário e as datas possíveis de nascimento das crianças”.

Maria José Vilaça é também psicóloga nesta obra e destaca, ao Jornal VOZ DA VERDADE, que, do ponto de vista psicológico, “os temas mais trabalhados no retiro são a culpa, o luto e os ressentimentos”. “Verificamos que a partir do momento em que fazem as pazes com quem estavam zangadas, elas próprias também conseguem ser perdoadas”, observa, sublinhando que “a questão do luto é resolvida essencialmente através do conhecer a criança, dar-lhe um nome”. “Não podemos fazer o luto de alguém que não conhecemos. É essa relação que vai trazer a mãe de volta para Deus. O início da cura é quando a própria criança trabalha no sentido de recuperar a relação da mãe com Deus. É algo com que elas ficam muito admiradas, quando dizemos: ‘Você sabe que já é mãe e que tem um filho no Céu?’”, acrescenta.

Convidadas a deixar uma mensagem às mulheres que fizeram um aborto e nunca participaram nos retiros da Vinha de Raquel, Maria José Vilaça referiu que “a mensagem principal é a de que há esperança”. Já Sílvia Pires garante que “o objetivo principal é que as mães percebam que é possível acolher o perdão de Deus”.

Site: [www.vinhaderaquel.org](http://www.vinhaderaquel.org)

Facebook: [www.facebook.com/vinhaderaquel](https://www.facebook.com/vinhaderaquel)

## ENCONTRAR CAMINHOS DE RECONCILIAÇÃO

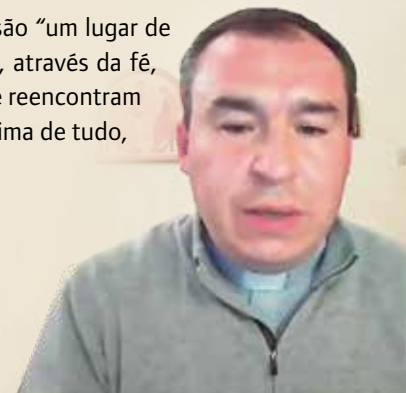
O assistente da Vinha de Raquel considera que o aborto “é uma realidade delicada, difícil de abordar”, mas que “é necessário trazer à luz do dia e enfrentar”, para assim “podermos encontrar caminhos de reconciliação e de vida”. “Um filho não se esquece. Nos retiros da Vinha de Raquel, naquelas vidas que escutei e acompanhei, naqueles corações magoados, via que por mais que se quisesse passar esta página, colocar uma pedra sobre o assunto, as feridas permaneciam. Na verdade, não se cura uma ferida tentando esquecê-la. É preciso tratá-la, curá-la”, observou o cónego Rui Pedro Carvalho, no início da primeira sessão deste webinar.

Este sacerdote referiu ainda que estes retiros são “um lugar de ajuda onde aqueles que passaram pelo aborto, através da fé, da descoberta do amor e do perdão de Deus, se reencontram com a sua história, com os filhos perdidos e, acima de tudo, com Deus, que oferece perdão e recomeço”.

Webinar Vinha de Raquel:

<https://bitly.com/webinarvinhaderaquel1>

Próximas sessões nos dias 7 e 10 de maio, às 21h15, em direto no Facebook da Vinha de Raquel e do Patriarcado de Lisboa



## Familiarmente

# São José, Pai no Acolhimento e da Confiança

Tal como nos artigos dos últimos 3 meses, no Familiarmente deste ano vamos responder ao desafio do Papa Francisco, colocado na sua Carta Apostólica 'Patris corde' ('Com coração de Pai'), no sentido de aprofundar a devoção a São José e de olhar para a sua autoridade de Pai e padroeiro da Igreja.

Neste sentido, pedimos a várias pessoas para testemunharem a sua vida, confrontando-a com as várias dimensões/virtudes da personalidade de São José oferecidas pelo Papa Francisco:

- 1) Pai amado - Pai que foi sempre amado pelo povo de Cristo
- 2) Pai na ternura - Jesus viu a ternura Deus em São José
- 3) Pai na obediência - Despertando do sono, José fez como lhe ordenou o anjo

4) Pai no acolhimento - José acolhe Maria sem condições prévias. Confia nas palavras do anjo

5) Pai com coragem criativa - O Céu intervém confiando na coragem criativa deste homem

6) Pai trabalhador - São José era um carpinteiro que trabalhou honestamente para garantir o sustento da família.

7) Pai na sombra - a sombra na Terra do Pai Celeste: guarda-o, protege-o, segue os seus passos sem nunca se afastar dele.

Neste 4º número, vamos aprofundar a dimensão de São José, Pai no Acolhimento e da Confiança.

## Confiar

Na Constituição Pastoral Gaudium et Spes do Concílio Vaticano II, há uma frase que tem sido para mim muito esclarecedora sobre a importância da relação com Deus na nossa vida: "Cristo... na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime" (GS, 22).

Deus tem por nós um conhecimento e amor profundos, maior do que aquele que nós próprios temos. Desta noção nasce a vontade de irmos adequando a nossa vontade e ações, àquilo que vamos discernindo ser o plano de Deus para nós.

Estou casado com a minha mulher Diana há 10 anos, durante este percurso temos tido períodos em que notamos ter sido muito importante esta tentativa de discernimento sobre aquilo que Deus nos vai pedindo.

Antes de nos casarmos tivemos um período de três anos de namoro. Neste tempo de gradual conhecimento mútuo e desejo crescente de estar um com o outro partilhando a vida, antes de tomarmos a decisão de casar, fizemos Exercícios Espirituais de discernimento vocacional. Apesar de interiormente sentir muito claramente que a minha felicidade passava por partilhar a vida com a Diana, o ato de nos pormos à disposição de Deus tentando escutar qual a sua vontade, ajudou-nos a aprofundar a noção do matrimónio ser uma vocação, a nossa principal missão e na qual nos devemos empenhar "de corpo e alma".

A Diana e eu somos médicos, conhecemo-nos na faculdade em Lisboa e fizemos a especialidade em Coimbra. Este último período coincidiu com os primeiros anos do nosso casamento e o nascimento dos nossos dois primeiros filhos, o Santiago e o Francisco. Numa cidade longe das nossas

origens e numa nova fase de vida, tivemos de nos apoiar muito em casal e fomos tendo também o apoio de bons amigos que conosco formavam uma Comunidade de Vida Cristã (CVX). Terminada a especialidade propuseram-me ficar a trabalhar em Coimbra na área de ortopedia pediátrica, área de que gostava muito. O não aceitar essa proposta tinha o peso de não saber se me poderia continuar a dedicar a essa área. No entanto, sentíamo-nos deslocados em Coimbra. Com esta incerteza e a necessidade de tomar uma decisão, procurámos ajuda para discernimento com um padre amigo, que nos disse uma frase muito inspiradora: "Na incerteza o Espírito Santo tem maior margem de manobra". Aconteceu que uma semana depois de não ter aceite esta proposta recebi outra de um hospital pediátrico em Lisboa, local onde atualmente trabalho e me sinto muito realizado.

Atualmente temos três filhos, o Tomás nasceu passado vinte meses depois do nascimento do Francisco. Desde essa altura a notícia de mais uma gravidez para além de ser recebida com alegria, era também acompanhada de algumas dúvidas: seríamos capazes de ter disponibilidade de tempo e mental? Seria uma gravidez bem compreendida pelos outros? A mudança que os filhos foram trazendo à nossa vida foi sempre muito positiva com as suas conquistas e alegrias. A educação dos filhos é para nós um desafio constante na procura da melhor abordagem e no encontrar calma e disponibilidade para estar com eles. Temos três rapazes que têm muita energia e muita intensidade nas alegrias e nas "birras". Um casal amigo disse-nos que todos os dias pediam a Deus que os seus filhos crescessem bem-intencionados, nós habituámo-nos também a fazer esta prece com frequência. Achamos que a melhor contribuição que

podemos deixar para um mundo melhor são os nossos filhos bem formados e que para os nossos filhos a melhor herança que lhes poderemos facultar são os irmãos. Pedimos a São José a graça de conseguir ter a atitude do Pai da parábola do filho pródigo, sempre disponível para acolher os filhos!

Atualmente vivemos em Lisboa há cinco anos. Durante este período tive algumas propostas para realizar a minha atividade profissional em hospitais ou clínicas privadas, acrescentando este trabalho àquele que tenho de base no hospital. Uma delas, especialmente interessante, coincidiu com a realização de exercícios espirituais para casais (tentamos fazer exercícios espirituais uma vez por ano, habitualmente 2-3 dias). Chegámos nessa altura à conclusão que, para equilíbrio familiar, disponibilidade para acompanhar os filhos e equilíbrio emocional próprio, não deveria aceitar esse convite. Passados três anos, reconheço ter sido a decisão mais acertada. Temos tempo para os filhos, para descansar e para nos prepararmos cientificamente para servir os nossos doentes.

Vamos adaptando os nossos gastos diários à realidade de uma família mais numerosa. Por exemplo optámos por ter apenas um carro, faço o trajeto de casa para o hospital habitualmente de bicicleta, o que é mais saudável, ecológico e económico.

Nesta altura, esperamos o nascimento do quarto filho, desta vez uma menina!

Com o crescimento da família é nossa intenção mudar para uma casa maior, mas está a ser difícil encontrar uma opção que nos convenha. À semelhança dos outros períodos de incerteza, mantemos a confiança que "na indefinição o Espírito Santo tem maior margem de manobra"!

texto por Pedro Jordão



Pedro Jordão, com a mulher Diana, grávida de uma menina, acompanhados dos filhos Santiago, Francisco e Tomás





com **Aura Miguel**  
Jornalista da Rádio Renascença,  
à conversa com Diogo Paiva Brandão

# Roma /09

## “Na contemplação amorosa basta um olhar”

O Papa Francisco prosseguiu as catequeses sobre a oração. Na semana em que convidou a rezar pelos responsáveis da grande finança, Francisco aprovou a canonização de Charles de Foucauld e outros seis beatos, pediu uma Avé Maria por dia pela paz no Myanmar e inaugurou a maratona de oração pelo fim da pandemia.



**1.** O Papa Francisco continua a dedicar a catequese das quartas-feiras ao tema da oração e, desta vez, valorizou a riqueza da contemplação. “A oração purifica o coração e, com ele, ilumina também o olhar, permitindo que captemos a realidade sob um outro ponto de vista”, assinalou, na audiência-geral de dia 5 de maio. A propósito do “olhar da fé fixado em Jesus”, o Papa recordou um famoso testemunho contado pelo Santo Cura d’Ars quando um homem do campo, seu paroquiano, lhe disse por que gostava tanto de estar diante do sacrário: “Eu olho para Ele e Ele olha para mim”. “É assim: na contemplação amorosa, típica da oração mais íntima, não há necessidade de muitas palavras, basta um olhar, basta estarmos convencidos de que a nossa vida está rodeada por um grande e fiel amor do qual nada nos pode separar”, comentou Francisco.

Como “Jesus era um mestre deste olhar” e n’Ele não havia qualquer dualismo entre a sua oração e sua ação, também os cristãos são chamados a “seguir Jesus no caminho do amor”, pois “caridade e contemplação são sinónimos”. Francisco citou ainda a frase de São João da Cruz, “um pequeno ato de amor puro é mais útil para a Igreja do que todas as outras obras juntas”, para sublinhar que “o que nasce da oração e não da presunção do nosso ego, o que é purificado pela humildade, mesmo que seja um ato de amor isolado e silencioso, é o maior milagre que um cristão pode realizar”.

No final da catequese, na biblioteca do Palácio Apostólico, o Papa lembrou a todos a importância de rezar o terço neste mês de maio, “para que a Virgem Imaculada liberte a humanidade do drama da pandemia”.

**2.** Preocupado com o rumo da grande finança mundial, o Papa Francisco pede que, no mês de maio, se reze especialmente pelos responsáveis e governantes. No vídeo mensal, realizado em colaboração com a Rede Mundial de Oração do Papa, a intenção para este mês foi divulgada esta terça-feira, 4 de maio. “Enquanto a economia real, que cria empregos, está em crise – quanta gente sem trabalho! – os mercados financeiros nunca foram tão hipertróficos como agora. Como está longe o mundo da grande finança da vida da maioria das pessoas!”, diz Francisco, neste vídeo. O Papa alerta para a urgência de regulamentar as finanças, sob pena de “se tornam pura especulação animada por políticas monetárias. Esta situação é insustentável. É perigosa”. Por isso, “para evitar que os pobres voltem a pagar as consequências, é preciso regulamentar com firmeza a especulação financeira. Especulação. Quero sublinhar este termo”.

Francisco pede que as finanças “sejam uma ferramenta de serviço, para servir as pessoas e para cuidar da casa comum” e considera que “ainda estamos a tempo de iniciar um processo de mudança global para pôr em prática uma economia diferente, mais justa, inclusiva, sustentável, que não deixe ninguém para trás”. O vídeo termina com um convite: “Rezemos para que os responsáveis das finanças colaborem com os governos para regulamentar os mercados financeiros e proteger os cidadãos em perigo”.

**3.** O Papa aprovou esta segunda-feira, 3 de maio, a canonização de Charles de Foucauld, religioso francês que foi assas-

sinado na Argélia, e de outros seis beatos católicos, após um consistório público, no Vaticano. O portal Vatican News informa que a data da cerimónia de canonização vai ser definida em função da evolução da pandemia. Francisco recordou “vida cristã exemplar” dos futuros santos.

**4.** O Papa propôs, para o mês de maio, uma iniciativa de paz de todos os fiéis a favor do Myanmar. No final do Regina Coeli de Domingo, 2 de maio, a partir da janela do Palácio Apostólico, Francisco referiu-se à maratona de oração que inaugurou na véspera e que, durante todo este mês, reúne 30 santuários marianos espalhados pelo mundo. Neste contexto de oração mundial, Francisco deixou uma proposta: “Há uma iniciativa de que gosto muito: a da Igreja birmanesa, que convida a rezar pela paz, dedicando ao Myanmar uma Avé Maria do terço diário”. “Cada um de nós dirige-se à Mãe sempre que precisa ou tem dificuldades. Neste mês de maio, peçamos à nossa mãe do Céu que fale ao coração de todos os responsáveis do Myanmar, para que encontrem a coragem de percorrer o caminho do encontro, da reconciliação e da paz”, convidou.

No final, o Papa também enviou saudações aos irmãos das Igrejas ortodoxas e católicas de rito oriental que assinalaram, naquele Domingo, a Solenidade da Páscoa, segundo o calendário juliano, e mostrou-se solidário com a população de Israel, após o incidente no Monte Meron, que causou 45 mortos e dezenas de feridos.

Nas reflexões sobre o Evangelho, o Papa recordou que “a fecundidade da nossa

vida depende da oração”. E que, se estivermos enraizados em Cristo, tal como os ramos estão na videira, “podemos pedir e pensar como Ele, agir como Ele, ver o mundo e as coisas com os olhos de Jesus. E assim amar os nossos irmãos e irmãs, a começar pelos mais pobres e sofredores, como Ele fez, e amá-los com o seu coração e levar ao mundo frutos de bondade, de caridade e de paz”.

**5.** O Papa Francisco rezou o terço na Basílica de São Pedro, a 1 de maio, acompanhado por famílias e crianças para implorar o fim da pandemia. Antes de iniciar a oração, o Papa confiou à “Mãe da Misericórdia” todas as vítimas do vírus e todos os que ainda sofrem com a doença, recordou “os defuntos e as famílias que sofrem e vivem na incerteza do amanhã” e não esqueceu “os médicos, cientistas, enfermeiros empenhados na primeira linha da batalha”. Francisco agradeceu a todos os que “com um simples sorriso ou uma boa palavra levaram conforto aos necessitados” e rezou especialmente “pelas mulheres vítimas de violência dentro da sua própria casa”.

No final do terço, o Papa confiou o mundo inteiro à proteção da Virgem Maria, implorando: “Dirige os teus olhos misericordiosos para nós nesta pandemia de coronavírus, e consola aqueles que estão desanimados e que choram os seus mortos, por vezes enterrados de uma forma que fere a alma. Apoiar os angustiados com os doentes a quem, para impedir o contágio, não podem estar perto deles. Inspira confiança nos que se preocupam com o futuro incerto e com as consequências na economia e no trabalho”.



O Haiti está à beira da ruptura, com gangues armados a imporem a sua lei

## Um milhão de dólares

É um país que caminha para o abismo. No Haiti, os raptos são um negócio que está a crescer de dia para dia. E ninguém parece estar a salvo. Nem a Igreja. Cinco padres, duas irmãs e dois leigos foram raptados no dia 11 de Abril. Pelo resgate foi pedido um milhão de dólares. No Haiti, agora as coisas são assim: ou o dinheiro ou a vida...



Na sexta-feira, 23 de Abril, os sinos de todas as igrejas do Haiti tocaram ao meio-dia. Foi uma forma de protesto pelo rapto, por um dos muitos gangues armados que pululam no país, de nove pessoas. Eram um grupo de sacerdotes, irmãs e leigos que se dirigiam para a primeira Missa do Pe. Loudger Mazile. Foram raptados em Croix-des-Bouquets, uma cidade a nordeste da capital. Quando os sinos tocaram, num protesto que se escutou desde a mais pequena aldeia do Haiti até ao bairro mais populoso de Port-au-Prince, a cidade capital, já tinham passado 12 dias desde que se soube do rapto. E da exigência do pagamento de um resgate no valor de um milhão de dólares, cerca de 840 mil euros. Ou isso, ou a vida. Entre os raptadores, estavam dois cidadãos franceses. A diplomacia de Paris pôs-se logo a caminho. Talvez por isso, todos acabaram por ser libertados ainda durante o mês de Abril. Mas ficou o susto. O Haiti está à beira da ruptura. A Igreja tem denunciado esta realidade vezes sem conta e cada vez com mais alarme nas palavras. Mas ninguém parece escutar a voz da razão perante um naufrágio há muito anunciado. Em Fevereiro, numa nota conjunta, os Bispos do Haiti falavam do país como estando “à beira de uma explosão”. E explicavam por que usavam palavras tão fortes: “o quotidiano do povo gira em torno da morte, assassinato, impunidade e incerteza”.

### “Medo constante...”

Tudo no Haiti parece estar a soçobrar. Há uma crise política profunda, há uma crise económica tão antiga que a memória dos mais velhos não permite saber quando começou, há um desemprego brutal, que atinge fortemente os mais novos, e há uma profunda insegurança. Por causa de tudo isto, o rapto de pessoas banalizou-se e passou a ser um negócio. “Perguntamo-nos quem será o próximo? Serei eu ou um padre ou um irmão? Os padres e as religiosas correm o risco de psicose. Vivemos num medo constante”, afirmou D. Jean Désinord, Bispo de Hinche, à Fundação AIS, logo após o rapto

dos cinco padres, das duas irmãs e dos leigos no segundo fim-de-semana de Abril. Um mês antes, como se antecipasse já uma situação de crise, o Governo decretou o estado de emergência durante 30 dias, procurando restaurar a sua autoridade em algumas áreas que se encontram praticamente sob controlo de gangues, inclusivamente em Port-au-Prince. O Bispo reconhece que a própria classe política está mergulhada nesta crise. “Toda a gente sabe que os nossos políticos usam gangues criminosos para controlar certas áreas. A fronteira entre o crime organizado e a política é bastante fluida”, denunciou o prelado à AIS.

### Pessoas à espera...

Como se não bastasse aquilo que os homens não conseguem fazer, o Haiti tem sofrido também sérias calamidades naturais, com destaque para o violentíssimo terramoto de Janeiro de 2010. As casas ruíram engolindo gritos de pessoas. Foi uma tragédia sem fim. Morreram mais de 300 mil pessoas. A violência do sismo fez colapsar praticamente toda a cidade capital. Um milhão e meio de haitianos ficou, de

um dia para o outro, sem casa, sem nada. Ainda hoje, uma década depois, centenas de pessoas continuam a viver em espaços improvisados, continuam a ter uma vida provisória. Continuam à espera. A violência que está a tomar conta das ruas é um sinal de um país que continua a colapsar. As questões de segurança são cada vez mais relevantes com grupos armados que espalham o terror na quase total impunidade. Nem a Igreja escapa a esta realidade. No início do ano, a Fundação AIS dava conta do rapto, por “bandidos armados”, de uma religiosa, a Irmã Dachoune Sévère, que acabaria por ser libertada 48 horas depois. Anteriormente, a 10 de Novembro, o Pe. Sylvain Ronald, dos Missionários de Sheut, esteve também raptado durante três dias. E na memória de todos há a história da Irmã Isabel Solá Matas, uma espanhola de sorriso aberto, rosto jovial, de apenas 45 anos de idade.

### A história de Isa

Religiosa da Congregação das Religiosas de Jesus e Maria estava no Haiti há meia dúzia de meses quando se deu o terra-

moto. Desde então, procurava reconstruir vidas, auxiliar os mais pobres, os que ficaram mais desamparados com o abalo sísmico. Mas nem a sua bondade lhe valeu. Isa, como era conhecida entre amigos, foi assassinada a tiro quando o carro em que viajava, na capital, foi bloqueado por dois jovens que se deslocavam de mota. Foi um assalto. Foi no dia 2 de Setembro de 2016. Mataram-na por quererem roubar a sua mala. A sua história ainda hoje é recordada com incredulidade. Como foi possível? Dois terços da população do Haiti vivem abaixo da chamada linha da pobreza. No meio da corrupção, da crise política e económica, do desemprego brutal, as pessoas despertam, aos poucos, para um quotidiano feito também de medo. Os raptos são agora um negócio que está a crescer de dia para dia. Ninguém está a salvo. Nem a Igreja. Do Haiti pedem as nossas orações.

texto por Paulo Aido,  
Fundação Ajuda à Igreja que Sofre

[www.fundacao-ais.pt](http://www.fundacao-ais.pt) | 217 544 000



Os bispos denunciam que “o quotidiano do povo gira em torno da morte, assassinato, impunidade e incerteza”.



O Haiti tem sofrido calamidades naturais e está à beira da ruptura.





## SUGESTÃO CULTURAL

### O tempo das Igrejas vazias

‘O tempo das Igrejas vazias’ é o mais recente livro de Tomáš Halík. “Na primavera de 2020, parecia-nos que, as igrejas fechadas, se deveriam tornar uma recordação para contar às gerações futuras. Durante aqueles dias, Tomáš Halík, capelão da igreja da Universidade em Praga, pregava pontualmente a partir da sua capela vazia, refletindo sobre a Palavra do Tempo Pascal, e entregava essas reflexões aos meios de comunicação, atingindo assim um povo de fiéis desconhecidos. São essas mesmas homilias e reflexões que o Pe. Halík partilha, agora, conosco neste livro, e que se ajustam perfeitamente ao tempo que, novamente, estamos a viver. Não podíamos imaginar que, um ano depois, devido ao reavivar do Covid-19, aquela situação se tornasse dramaticamente atual, e que voltássemos a experimentar o confinamento e a ter liturgias sem participação de fiéis”, refere a sinopse da obra publicada pela Paulinas Editora.

Informações: [www.paulinas.pt/o-tempo-das-igrejas-vazias](http://www.paulinas.pt/o-tempo-das-igrejas-vazias)



## À PROCURA DA PALAVRA

### DOMINGO VI DA PÁSCOA ANO B

“É este o meu mandamento:

que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei.”

Jo 15, 12



pele P. Vítor Gonçalves

### Amar... como

Quem não conhece o mandamento “novo”, “Ami-vos uns aos outros como Eu vos amei”, a que Jesus depois chama “meu” pois vai realizá-lo da entrega da cruz? Conseguimos imaginar a revolução que esta frase trouxe consigo, a novidade que vence todas as ideias “bafientas” de religião, o fim de julgamentos e condenações sumárias tão do agrado de todos os poderes, a responsabilidade do amor como dádiva absoluta de vida, e não posse ou domínio de alguém? Aquele “como Eu” fica a interpelar a história da humanidade, da Igreja, e de cada um de nós que assume ser cristão, e sê-lo com outros. Vindo do Pai como fonte, o amor é dado ao Filho que, por sua vez o dá aos seus amigos, para que chegue a todos. Nenhum de nós é a origem do amor; entramos ou não, na sua corrente, e tornamo-lo presente com as nossas vidas.

Amar pede sempre alguém a quem amar. É a passagem do “eu” ao “nós”,

do pequeno gosto egoísta à alegria imensa de partilhar. É o desejo de fazer feliz alguém, um ou muitos; é compromisso com o crescimento, com a salvação do que parecia perdido. Saboreio e partilho a recente entrevista do actor Luís Miguel Cintra, com o encanto de descobrir o seu amor ao teatro como amor às pessoas: “o teatro é um trabalho de comunicação com os outros. Portanto, só faz sentido em função dos outros e não da exibição da nossa própria personalidade. [...] Limitado pela doença de Parkinson, com a cabeça “muito capaz de pensar e de se mexer. E esse mexer-se não é físico, o corpo não o acompanha”, partilha como “tudo ficou mais concentrado na voz e no olhar.” Na perspectiva cristã como vê o mundo fala do “percurso de aperfeiçoamento da Humanidade que é sinónimo de esperança” e na importância de que “não podemos reagir a situações como esta pandemia fechando-nos no nosso destino individual,

cada vez mais protegido dos perigos. Temos, pelo contrário, de nos juntar a outros na perigosa tarefa de reformar o mundo.”

Confundimos facilmente o amor com emoção e sentimento, “jackpot” de um golpe de sorte, privilégio só de alguns. Associá-lo a escolha, vontade, compromisso, dádiva, parece que lhe retira a “magia” e o encanto. E quem não concorda que o amor é o que mais dá trabalho na vida humana? Amar e conhecer, num processo de intimidade e de responsabilidade, implicam-se mutuamente. Jesus chama aos discípulos “amigos” porque a sua dádiva de vida por eles foi também dar a conhecer o que ouviu ao Pai. E é essa amizade que importa desde já viver nos grupos, nas comunidades, nos pequenos e grandes serviços, onde trabalhamos e vivemos, onde brincamos e cuidamos uns dos outros. De que amor podemos falar sem inaugurarmos a palavra amigo (cf. Alexandre O’Neill)?

## ASCENSÃO DO SENHOR (16 DE MAIO)

USO LITÚRGICO	CÂNTICO	COMPOSITOR	FONTE
Entrada	<b>Homens da Galileia</b>	M. Luís	CEC I 168
Entrada / Ofertório	<b>Aclamai Jesus Cristo</b>	F. Silva	CN 174
Ofertório / Pós Comunhão	<b>Jesus nossa redenção (especial/ estrof. 3/4)</b>	M. Luís	LHC II 91-92
Ofertório / Final	<b>Recebereis a força do Espírito Santo</b>	J. Santos	1
Comunhão	<b>Eu estou sempre convosco... Aleluia</b>	A. Cartageno	2
Comunhão	<b>Eu estou sempre convosco</b>	C. Silva	CN 438 / CEC I 170
Comunhão / Final	<b>Ide por todo o mundo e proclamai</b>	J. Santos	CN 536 / CEC I 171
Final	<b>Diz o Senhor: Ide e ensinai</b>	A. Cartageno	CN 373 / CEC II 219
Final	<b>Ide por todo o mundo</b>	M. Luís	CN 537 / CEC I 173

<sup>1</sup> <http://bit.ly/recebereisaforcadoespiritosanto> | <sup>2</sup> <http://bit.ly/euestousempreconvosco>

SIGLAS | CEC - Cânticos de Entrada e Comunhão, vol. I-II, Secretariado Nacional de Liturgia | CN - Cantoral Nacional para a Liturgia, Secretariado Nacional de Liturgia - Serviço Nacional | LHC II - Liturgia das Horas. Edição para Canto. Vol. II, Secretariado Nacional de Liturgia



DEPARTAMENTO DE LITURGIA DO PATRIARCATO DE LISBOA





## Tweets da Semana

“No #EvangelhoDeHoje (Jo 15,1-8) o Senhor quer-nos dizer que antes da observância dos Seus mandamentos, antes das bem-aventuranças, antes das obras de misericórdia, é necessário estarmos unidos a Ele, permanecer n’Ele.”

2 de maio

“No mês de maio elevemos o olhar à Mãe de Deus, sinal de consolação e esperança segura, e #RezemosJuntos o Rosário para enfrentar juntos as provações deste tempo e estar ainda mais unidos como família espiritual.”

1 de maio



**Papa Francisco** @Pontifex\_pt

“Com o Evangelho de hoje, ao recordar-nos que as próprias dificuldades da vida podem ser, na nossa história, esta poda que o Pai realiza, Jesus abre-nos uma perspectiva muito importante. Ajuda-nos a perceber que elas podem ser para nós ocasião de crescimento.”

2 de maio



**D. Manuel Clemente** @patriarcalisboa

## PODCAST

O podcast do Jornal  
**VOZ DA VERDADE,**  
que pode ouvir em  
<https://leigosquecontam.podbean.com>



## Editorial

# NOVA VOZ PARA MARIA EM PORTUGAL

**P. Nuno Rosário Fernandes, diretor**  
[p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt](mailto:p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt)



O mês de maio é sempre especial, sobretudo para nós, portugueses, que tivemos a graça de ser contemplados com a visita de Nossa Senhora nas aparições aos Pastorinhos de Fátima. Por isso, este é um mês em que, normalmente, se dá maior destaque à devoção mariana da oração do Terço, promovem-se momentos de oração comunitária, procissões, peregrinações e outros.

Este ano, o Papa Francisco convidou o mundo inteiro a rezar de modo especial neste mês, pelo fim da pandemia e pelas suas vítimas. No caminho de preparação para a Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023, os jovens foram, também, convidados a unirem-se em oração, e para tal estão disponíveis três modelos de Terço, criados propositadamente para este evento juvenil.

Mas este ano, no dia de Nossa Senhora de Fátima, 13 de maio, e também em vésperas do Dia Mundial das Comunicações Sociais que se comemora no Domingo da Ascensão do Senhor (16 de maio), vai nascer, em Portugal, uma nova voz para Maria. Trata-se de uma nova estação de rádio, a Rádio

Maria, que vai ter emissões em Lisboa (102.2 FM), no Porto (100.8 FM) e na internet. É um projeto que, pessoalmente, conheci há muitos anos atrás, em Itália, o seu lugar de origem, e está presente atualmente em 82 países dos cinco continentes.

Segundo informação disponibilizada na sua página na internet ([www.radiomaria.pt](http://www.radiomaria.pt)), a Rádio Maria afirma-se como um instrumento de Evangelização, e na sua programação procura oferecer oração, evangelização e promoção humana e social através de programas que sejam fonte de crescimento espiritual e humano.

Diariamente, nas suas emissões, vai ser possível rezar e acompanhar a Liturgia das Horas, a celebração da Missa, o Rosário/Terço, catequese e outros programas de desenvolvimento humano, para

além das notícias da Igreja e da sociedade. É uma estação que não tem fins lucrativos, vive do voluntariado dos que a fazem e da generosidade dos seus ouvintes que com ela podem contribuir. Nos tempos que correm, a criação de um novo órgão de comunicação social é sempre um desafio, mas a missão de chegar a todos é sempre ousada. O arranque desta nova estação de rádio vai acontecer às 15h00 do dia 13 de maio, com a transmissão para os mais de 80 países da recitação do Terço Mundial, a partir da Capelinha das Aparições, na Cova da Iria, em Fátima.

Desejamos para este novo projeto bons êxitos e as maiores felicidades e que as ondas hertzianas que transportam esta voz de Maria em Portugal possam transpor todas as montanhas para que se realize a missão.

“O arranque desta nova estação de rádio vai acontecer às 15h00 do dia 13 de maio, com a transmissão para os mais de 80 países da recitação do Terço Mundial, a partir da Capelinha das Aparições, na Cova da Iria, em Fátima.”

## FICHA TÉCNICA

Registo n.º 100277 (DGCS) - Depósito legal: 137400/99; Propriedade: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Gerência: Francisco José Tito Espinheira, Joaquim Daniel Vieira Loureiro e Maria Teresa Alves Vieira Novo; Capital Social: 100.000 euros - Seminário Maior de Cristo Rei (95%) e Patriarcado de Lisboa (5%); NIPC: 500881626; Editor: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Tiragem: 5300 exemplares; Diretor: P. Nuno Rosário Fernandes ([p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt](mailto:p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt)); Site: [www.vozdaverdade.org](http://www.vozdaverdade.org); Redação: Diogo Paiva Brandão ([diogopb@patriarcado-lisboa.pt](mailto:diogopb@patriarcado-lisboa.pt)), Filipe Teixeira ([filipeteixeira@patriarcado-lisboa.pt](mailto:filipeteixeira@patriarcado-lisboa.pt)); Colaboradores regulares: Aura Miguel, P. Vítor Gonçalves; Fotografia: Arlindo Homem, Filipe Amorim, Luís Moreira; Opinião: António Bagão Félix, A. Pereira Caldas, Guilherme d'Oliveira Martins, Isilda Pegado, José Luís Nunes Martins, P. Alexandre Palma, P. Duarte da Cunha, P. Gonçalo Portocarrero de Almada, P. Manuel Barbosa, P. Nuno Amador, Pedro Vaz Patto; Colaboração: Cáritas Diocesana de Lisboa, Departamento de Liturgia, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, FEC - Fundação Fé e Cooperação, Setor de Animação Vocacional, Setor da Pastoral Familiar, Serviço da Juventude, Comissão Justiça e Paz dos Religiosos; Design Gráfico e Paginação: Divide by Two, Lda - [www.dividebytwo.pt](http://www.dividebytwo.pt) | [office@dividebytwo.pt](mailto:office@dividebytwo.pt); Pré-impressão e impressão: Empresa do Diário do Minho, Lda. - Rua de São Brás, 1, Gualtar, 4710-073 Braga - comercial@diariodominho.pt - Tel: 253303170; Distribuição: Urgentissimo Transportes, Lda. (Enviália) - Rua Luís Vaz Camões, s/n, Zona Industrial Arenes, 2560-684 Torres Vedras - Tel: 261323474; Sede do Editor e Sede da Redação: Mosteiro de São Vicente de Fora - Campo de Santa Clara 1100-472 Lisboa - [vozverdade@patriarcado-lisboa.pt](mailto:vozverdade@patriarcado-lisboa.pt); Serviços Administrativos: Sara Nunes, de 2ª a 6ª-feira, das 9h00 às 16h00, Tel: 218810556, Fax: 218810555, [saranunes@patriarcado-lisboa.pt](mailto:saranunes@patriarcado-lisboa.pt).



**Voz da Verdade**

## ASSINE JÁ!

Faça a sua assinatura e receba o jornal, em sua casa, durante um ano.

Faça hoje mesmo a sua assinatura, escolhendo uma das seguintes opções:



**218 810 556**  
2ª a 6ª feira, entre as 9h00 e as 16h00



**[saranunes@patriarcado-lisboa.pt](mailto:saranunes@patriarcado-lisboa.pt)**  
Envie um email com os seus dados



### Preencha, destaque e envie o cupão

Complete a assinatura fazendo o pagamento através do NIB 001800003724403600184, cheque ou vale postal, à ordem de Nova Terra, Empresa Editorial, Lda. O envio do comprovativo ou do meio de pagamento deverá ser feito para Nova Terra Empresa Editorial, Lda. Mosteiro de São Vicente Fora - Campo de Santa Clara - 1100-472 Lisboa; fax: 218 810 555; email: [saranunes@patriarcado-lisboa.pt](mailto:saranunes@patriarcado-lisboa.pt)

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Código postal \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ Telefone \_\_\_\_\_

Email \_\_\_\_\_ NIF \_\_\_\_\_ N.º Assinante \_\_\_\_\_

Assinatura anual:  Individual (20 €)  Benfeitor (25 €)  Benemérito (30 €)